

O DISPOSITIVO DA SOCIOLOGIA:
Elide Rugai Bastos interpreta Florestan Fernandes

THE DEVICE OF SOCIOLOGY:
Elide Rugai Bastos interprets Florestan Fernandes

Rodrigo Estramano de Almeida*

BASTOS, Elide Rugai. **A máquina das desigualdades: Florestan Fernandes interpreta o Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2025.

Desde fins dos anos 1980, a socióloga, professora e pesquisadora Elide Rugai Bastos, vem se dedicando ao desafiador empreendimento intelectual de compreender a fundo a obra de um dos mais importantes expoentes das ciências sociais: Florestan Fernandes (1920-1995). Fizemos questão de não adendar que se tratou, Florestan, de um dos mais importantes cientistas sociais do Brasil e/ou da América Latina, pois que pensamos que ele foi um dos mais proeminentes sociólogos da história dessa ciência para seu desenvolvimento, quer seja epistêmico, quer seja metodológico, em todos os tempos e lugares.

Essa proposição parece se confirmar à leitura de **A máquina das desigualdades: Florestan Fernandes interpreta o Brasil**, no qual Elide Rugai Bastos reúne mais de uma dezena de artigos – boa parte deles anteriormente publicados em periódicos ou coletâneas e que foram modificados para a composição do livro – que juntos articulam uma leitura aprofundada e simultaneamente desafiadora do legado temático, teórico e metodológico de Fernandes. Faz isso, tecendo fios entre as diferentes fases de produção intelectual de Florestan, as quais aparentemente não guardariam relação alguma não fosse pela leitura atenta que capta a linha comum da carreira de um intelectual que se consagrou em um país de capitalismo subdesenvolvido justamente porque interpelou, talvez como nenhum outro, o processo da desigualdade como objeto a ser levado a sério, de forma inovadora e implicada.

* Doutor em Ciências Sociais, professor do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: estramano@gmail.com.

No livro, entretanto, Elide não trata da trajetória de vida de Florestan. Ela nos faz ver o que até aqui afirmamos sobre “quem foi Florestan” pela retrospectiva em perspectiva da produção intelectual desse sociólogo paulista revelando como o dispositivo de sua sociologia, após e entre outras sociologias que desaguavam no e do Brasil que se modernizava desde os anos 1930, iniciou, a partir de 1950, a modificar indefectivelmente a operação científica para a investigação da realidade social brasileira, sobretudo no tema do preconceito racial e da mudança social e na relação entre ambos. Essa alteração na forma de se fazer ciências sociais, demonstra Elide no livro, criou uma geração e construiu, a partir dos estudos realizados por Fernandes e seus alunos na Escola Paulista de Sociologia, não uma sociologia brasileira, mas uma sociologia no Brasil. Isto é, uma ciência social interessada e implicada nos problemas de sua localidade, mas jamais mimada pelo seu ser e estar, posto que se colocou desde o princípio conectada, não com o centro, mas com o próprio cosmopolitismo, pois é assim que toda ciência deve ser: local, pois que comprometida com o objeto que analisa, e cosmopolita, pois que deve ser compreendida em seus propósitos e resultados por quem quer que seja em qualquer lugar. Esse o êxito epistêmico e, evidentemente, político da sociologia de Florestan Fernandes.

Elide nos mostra que Fernandes logrou essa sociologia com uma trajetória de pesquisa que se consolidou desde seus estudos sobre manifestações culturais no interior de São Paulo, quando era estudante na Escola de Sociologia e Política, até o livro que o inscreveu entre os intérpretes do país, **A Revolução Burguesa no Brasil de 1975** e outros. Como a própria autora ressalta em diversos momentos, a expressão “circuito fechado”, que intitula o livro de Florestan de 1976, é que nos fornece bom ensejo para pensar a inovação do autor na interpretação das desigualdades brasileiras. Superando as visões dualistas que tendiam a problematizar a realidade brasileira a partir do enclave meridional desenvolvido e setentrional atrasado, Fernandes propõe um dispositivo de investigação processualista cujas facetas arcaicas e modernas coexistem e coabitam nos mais diversos níveis, o social, o cultural, o psicológico, o econômico e o político. Chegou a isto através de um longo trajeto de pesquisa no qual a força centrífuga, no mais das vezes, era o estudo das mudanças sociais e, por isso, a investigação das práticas institucionais e, também, os comportamentos grupais e individuais.

Nesse percurso, Fernandes se antagonizou a toda tradição do pensamento social anterior, sobretudo a conservadora, pois demonstrou empírica, bem como elaborou teoricamente, que “no quadro do capitalismo dependente, ao estudar o regime de classes, é necessário lembrar dos dois polos de dominação: o interno e o externo. Portanto, é preciso agregar as conexões causais

e funcionais das sociedades hegemônicas àquelas internas” (Bastos, 2025, p. 106). Nessa trilha, as teorias dualistas, seja a do par **Casa Grande & Senzala** da qual os resultados políticos culturalistas da democracia étnica são bem conhecidos, ou os **Dois Brasis** de Lambert, que inspiraram debates sobre os enclaves internos obnubilando as relações com as forças da dominação externa do capital, se não foram de todo superadas, ganharam, a partir das proposições de Fernandes, um contraponto de peso. Ainda, a teoria de Florestan Fernandes, nos mostra Elide, foi construída de pesquisa a pesquisa, de relatório a relatório, de livro a livro, de modo contínuo e sistemático, sem nunca abandonar o objetivo último que era o de compreender os enlaces, razões e motivos da coexistência ambivalente da riqueza e da pobreza e não só no plano objetivo econômico, como no subjetivo, nas atitudes e comportamentos do brasileiro. Mais do que uma interpretação compreensiva sobre o Estado, a obra de Florestan Fernandes mirou sempre a cidadania.

Nesse quesito é que, segundo Elide Rugai Bastos, o foco de Florestan Fernandes na desigualdade racial foi de suma importância. Ora, ainda atualmente – como quaisquer dados de fácil acesso podem revelar – há uma grande desigualdade de acesso a direitos entre brancos e negros no Brasil, bem como a linha competitiva entre esses é absolutamente dispar e, portanto, é inegável que nas mudanças sociais do país, algo, do ponto de vista sociológico, ocorreu para que uma parcela, a mais significativa da população, não apareça completamente integrada à cidadania. Esse é o ângulo da pergunta dos estudos sobre a desigualdade racial proposto por Florestan. Não há democracia social ou étnica. De saída, em quaisquer transformações políticas operadas ao longo da trajetória brasileira, parte significativa da população permaneceu às margens das mudanças sociais, e a maior parte dessa parte marginal é de pessoas pretas. Estudar os óbices à integração do negro na sociedade de classes no Brasil é, pois, estudar, por metonímia, as razões do subdesenvolvimento do país. Não se trata de raça e cultura apenas. Se trata de raça, cultura, subjetividade, sociedade e política. O entrelaçamento de forças históricas, mas que também circulam no presente e se fazem concretas no plano do acesso aos direitos e ao mundo do trabalho. As mentalidades que subalternizam e que são subalternizadas devem ser compreendidas nas suas contradições e enlaces como forças que contrapõem, mas também se arrolam na construção da modernidade capitalista que carrega consigo, no seu sistema circulatório, atitudes e comportamentos arcaicos.

Ainda sobre as pesquisas relacionadas à desigualdade racial, a autora coloca em relevo um aspecto metodológico empreendido por Florestan Fernandes que foi muito inovador nos

anos 1950 e 1951. No contexto da realização da pesquisa sobre relações raciais em São Paulo, promovida no âmbito do Projeto Unesco, o professor Roger Bastide encarregou Fernandes da tarefa de feitura do projeto de estudo no qual o autor desenvolveu importante argumentação teórica sobre a pergunta “o tema do preconceito pode ser tratado sociologicamente?”, bem como fez discussão para diferenciar “preconceito” de “discriminação”. Elide Rugai Bastos revisa com profundidade o passo a passo dessa construção e, portanto, não a refaremos aqui, mas vale dizer do seu resultado, qual seja, que “a fusão dos conceitos permite uma alteração semântica importante. As associações e os agrupamentos sociais questionam a denominação “populações de cor” [era esta que vigorava naquele momento] e passam a identificar-se como negros” (Bastos, 2025, p. 156). E ainda no projeto de pesquisa, Fernandes considerou entre a realização de entrevistas, estudos de caso e aplicação de questionários um procedimento específico muito arrojado que foi o de reunir intelectuais negros colaboradores da pesquisa “indicando-os como jornalistas, funcionários públicos, escritores, médicos, professores. Essas pessoas participaram de seminários e mesas-redondas organizados por Roger Bastide e Florestan Fernandes, patrocinados pela Unesco, realizados na Biblioteca Municipal, com associações como José do Patrocínio ou reuniões de mulheres de cor, na USP” (Bastos, 2025, p. 162).

Segundo Elide Rugai Bastos, no capítulo sete, intitulado “Dois livros: dez anos de intervalo”, foi este manancial empírico e teórico, colhido e elaborado em inícios da década de 1950 no contexto do Projeto Unesco, que garantiu as condições e possibilidades para Florestan Fernandes escrever, entre 1963 e 1964, aquele que é “sem dúvida, um dos mais importantes livros direcionado à compreensão do Brasil” (Bastos, 2025, p. 163), **A integração do negro na sociedade de classes**, pois que é nesse livro, segundo Elide, que Fernandes derruba de uma vez por todas quaisquer interpretações sobre a realidade brasileira baseadas na democracia racial. Ao tratar do negro como “o elo mais fraco da corrente social” (Bastos, 2025, p. 170), Florestan procura compreendê-lo como cidadão que vive à margem da sociedade de classes e busca demonstrar, metodologicamente, como “um grupo que carrega desvantagens maiores do que outros para integrar-se socialmente” pode ser tomado como metonímia de um processo maior, pois “a partir da periferia percebe-se melhor o movimento da sociedade, possibilitando, assim, a percepção dos princípios que a articulam”. (Bastos, 2025, p. 170) O estudo do negro e as dificuldades de sua integração na sociedade de classes sugere, pois, em nível microcósmico o que se pode estudar em nível macrocósmico sobre os problemas de integração nas relações entre centro e periferia do capitalismo.

O leitor que procurar nesse livro de Elide Rugai Bastos aquele “lugar comum” que afirma haver um Florestan Fernandes cientista social funcionalista até idos de 1964 e um outro Florestan Fernandes marxista combativo após sua aposentadoria compulsória pela Ditadura Militar, por óbvio, se desencantará. Em **A máquina da desigualdade**, a professora Elide apresenta uma hipótese sofisticada que vai muito além de querelas desnecessárias: em realidade, a partir dos trabalhos de Florestan Fernandes e de suas orientações teóricas e metodológicas, seus alunos, entre eles, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, José de Souza Martins, inovaram a agenda de pesquisa sociológica em temas que Elide sistematizou na chave “pensamento social da Escola Paulista de Sociologia”, quais sejam: i) o atraso como eixo, que permitiu formulação de questões importantes sobre o dinamismo da produção, as disparidades regionais, a comparação com outras realidades latino-americanas e a coexistência do arcaico e do moderno na estrutura da sociedade brasileira; ii) um padrão teórico-metodológico que é o de se debruçar sobre a periferia para a partir dela perceber, por metonímia, o movimento da sociedade e assim buscar a compreensão de seu funcionamento; iii) a tensão como constitutiva da sociedade, afastando-se, pois, da ideia de que as tensões sociais são sempre disruptivas e anômicas e que, pelo contrário, ela pode em si ter validade heurística uma vez que ela faz parte da natureza da sociedade, sobretudo em contextos de subordinação externa e dependência; iv) sujeitos políticos/sujeitos sociais, tensão que aparece sobretudo nos estudos de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni sobre o mundo agrícola e escravista, nos quais “a natureza da sociedade condiciona a própria emergência dos sujeitos políticos” (Bastos, 2025, p. 244); v) a crise, como conceito que Florestan concebe como “móvel do pensamento sociológico nas condições latino-americanas” e José de Souza Martins utilizará como elemento explicativo em análises de conjunturas; vi) passado e presente, a dinâmica entre o velho e o novo no estudo do sistema político ou no estudo das cidades como fez Maria Arminda do Nascimento Arruda no seu livro **Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX**; vii) ambivalência, sobretudo a dos intelectuais, suas ideias e suas práticas já que leem o que é moderno, mas vivem em realidade escravista como analisou Walquiria Leão Rego ao tratar de Tavares Bastos e; viii) a crise da modernidade, ou “por que as expressões da modernidade emergente não cumpriram todas as virtualidades contidas em suas promessas” (Bastos, 2025, p. 262).

A economia do livro é um convite à leitura: traz texto na orelha interna do sociólogo, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antonio Brasil Junior, e texto na quarta

capa do sociólogo e professor da Universidade Estadual de Campinas, Mário Augusto Medeiros da Silva. A introdução é indispensável: situa o leitor, de fato, para o que virá a seguir e o mais importante, justifica a atualidade do livro, pois “a questão da desigualdade abordada por Florestan Fernandes e autores que compõem a tradição por ele inaugurada é o grande tema do mundo contemporâneo” (Bastos, 2025, p. 31).

O volume segue dividido em três partes e onze temas: Parte 1 – Teoria e Metodologia: Questão social e sociologia, onde é discutido o conceito de questão social, os temas da diversidade e da desigualdade, da consciência social e da democracia; A construção das ciências sociais, na qual Elide disserta sobre a ambiência cultural de São Paulo, a cidade como campo de pesquisa e as questões da implicação política do fazer sociológico nos anos 1950; Uma sociologia local e cosmopolita, tópico no qual está discutida a tese de que a sociologia de Florestan é feita na periferia, mas não por isso deixa de ser central para a sociologia; O controle das mudanças sociais, por que Florestan adotou mudanças no plural e qual a atualidade do tema para a sociologia; A história nunca se fecha, na qual a autora aborda a centralidade da expressão “circuito fechado” elaborada por Florestan Fernandes e suas implicações teórico-metodológicas, bem como sua importância para a atualidade na pesquisa social. Parte 2 – Questão Racial e Modernização: Raça e revolução burguesa, no qual a autora reconstrói o itinerário do tema da desigualdade racial nos estudos e pesquisas de Florestan e como ele se solda da perspectiva micro à macrosocial; Dois livros: dez anos de intervalo, em que Elide trata da relação entre dois livros “muito importantes para o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil” (Bastos, 2025, p. 149), quais sejam, **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**, de Roger Bastide e Florestan Fernandes de 1955 e **A integração do negro na sociedade de classes**, de Florestan Fernandes de 1965; Um entre outros debates sobre preconceito racial, no qual a autora escreve sobre um polêmico artigo de Paulo Duarte de 1947 e, a partir dele, o debate sobre o preconceito racial na **Revista Anhembi**, a questão da democracia racial e o problema do negro na realidade brasileira. Parte 3 – Uma Tradição Sociológica: Raça e Nação, em que são revistados os estudos e pesquisas da Universidade de São Paulo sobre a questão racial, a partir dos estudos em Florianópolis e Curitiba, bem como a relação entre raça e organização nacional; Pensamento Social da Escola Paulista de Sociologia, ao qual já fizemos referência acima e; Atualidade do pensamento social brasileiro, no qual os temas do subdesenvolvimento, da marginalidade e da mudança social são repostos à compreensão da agenda vigente de pesquisa nas ciências sociais brasileiras.

Ademais, cabe perguntar, em um livro que trata tanto da metodologia de um dos mais importantes sociólogos, qual foi o método da autora? Diremos que ela não se deixou enganar pelos discursos acessórios, pelos críticos e comentadores e por revisões bibliográficas insólitas e maçantes, pois foi procurar na fonte primária as respostas às suas questões. Isto é, o manancial empírico de seu trabalho são os textos de Florestan Fernandes e dos sociólogos da Escola Paulista de Sociologia. São eles que falam, mais uma vez, pelas palavras de Elide Rugai Bastos em um livro que organiza e faz compreender o lugar e a importância de um sociólogo que viveu e trabalhou na e sobre a periferia do capitalismo e nos legou uma escola para o aprendizado do Brasil e, simultaneamente, nos ensinou como fazer sociologia em qualquer lugar.

Recebido em: 27/5/2026

Aceito em: 29/5/2026